

A imprensa alternativa negra como legado para o jornalismo brasileiro

The black alternative press as a legacy for brazilian journalism

DOI:10.34117/bjdv8n4-098

Recebimento dos originais: 21/02/2022

Aceitação para publicação: 31/03/2022

Antonio de Assis Cruz Nunes

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Estadual Paulista/Marília-SP

E-mail: antonio.assis@ufma.br

Marcos Aurélio Martins Mota

Graduação em Comunicação Social

Instituição: Universidade Federal Maranhão

E-mail: marcosaureliommota@gmail.com

Allysony Martha Meireles Ayres

Especialização em Gestão e Supervisão Escolar

Instituição: Universidade Federal Maranhão

E-mail: allysony_martha@hotmail.com

Bruna Monique Cunha Rodrigues

Especialização em Gestão e Supervisão Escolar

Instituição: Universidade Federal Maranhão

E-mail: brunamonick@hotmail.com

Luis Félix de Barros Vieira Rocha

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal Maranhão

E-mail: luis.felix.rocha@gmail.com

Stefany Machado de Lima

Especialização em Docência no Ensino Superior

Instituição: CAPEM

E-mail: fanny.1988@hotmail.com

Jose Ribamar de Jesus Oliveira

Especialização em Língua Portuguesa e Literatura

Instituição: UNICEUMA

E-mail: jrjesuso@hotmail.com

Rafaella Cristina de Oliveira Lima

Colégio Educallis, Brasil

E-mail: lima.rafaella.86@hotmail.com

RESUMO

O artigo trata sobre o desenvolvimento histórico da Imprensa Alternativa Negra (IAN) na perspectiva do seu legado para o jornalismo brasileiro. Na descrição da trajetória histórica, evidenciamos que em cada contexto social de uma dada época, os jornais dirigidos e mantidos por intelectuais e militantes negros sofreram influências de determinados projetos de mundo, que na maioria das vezes não correspondiam a da realidade da população afro-brasileira, assim como também rompeu e influenciou com suas formas de denúncias e protestos contra o racismo da população negra. A pesquisa concluiu que a Imprensa Alternativa Negra (IAN) deixou um legado das suas lutas em prol da população afro-brasileira, visto que ainda existem revistas, nos moldes atuais, que veiculam notícias voltados para o público negro no sentido do fortalecimento identitário.

Palavras-chave: imprensa negra, legado, jornalismo.

ABSTRACT

The article deals with the historical development of the Black Alternative Press (IAN) from the perspective of its legacy for Brazilian journalism. In the description of the historical trajectory, we show that in each social context of a given time, the newspapers managed and maintained by black intellectuals and activists were influenced by certain world projects, which in most cases did not correspond to the reality of the Afro-Brazilian population. , as well as breaking and influencing with its forms of denunciation and protests against the racism of the black population. The research concluded that the Black Alternative Press (IAN) left a legacy of its struggles in favor of the Afro-Brazilian population, since there are still magazines, in the current molds, that broadcast news aimed at the black public in the sense of identity strengthening.

Keywords: black press, legacy, journalism.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento histórico da imprensa no Brasil seguiu muitos caminhos da imprensa europeia e norte-americana, porém assumiu contornos particulares. Assim, a história da imprensa no Brasil iniciou com a chegada monarquia portuguesa no século XIX, tendo o Correio Braziliense como primeiro jornal, em 1808 (SODRÉ, 1999).

Do século XIX até o século XXI, a imprensa brasileira sofreu várias influências dos jornais europeus e norte-americanas, e dentre essas influências está a Imprensa Alternativa Negra (IAN) que consistia em jornais que, de modo geral, denunciavam as condições sociorraciais da população afro-brasileira.

Segundo Nunes (2011), a IAN iniciou no final do século XIX e finalizou em 1963. Muitos dos jornais que faziam parte da referida imprensa, se concentraram nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Curitiba, Pelotas, Campinas, Uberlândia, Bagé e outras. O autor destaca que, no âmbito da militância, implica “[...] as consequências da aprovação da Lei 12.711/12 no contexto do mito da democracia racial brasileira que direto

e/ou indiretamente tem permitido a sua revitalização” (NUNES et al., 2021, p. 33844), tendo a imprensa, papel fundamental.

Moura (1988) diz que esses jornais surgiram como uma resposta da marginalização sociorracial que a população negra estava passando em todos os âmbitos da vida social brasileira.

Compreendemos essa imprensa a partir da concepção dos meios de comunicação especializados no tema racial, na luta contra o racismo e empenhados com a construção de narrativas negras sobre os vários assuntos (economia, política, esportes, cultura, dentre outros). A imprensa negra tem um grande valor, visto que, se diferencia da imprensa comum, não apenas por produzir mais conteúdos (proporcionalmente) sobre a questão racial, todavia, por dar destaque sobre o protagonismo negro.

Os debates sobre a temáticas raciais em nosso país estão diretamente relacionadas com a perspectiva dos indivíduos com o passado. Sendo assim, a imprensa negra tem um papel fundamental ao construir narrativas sobre os acontecimentos com caráter histórico relacionado ao povo negro, nas quais destacam a vez das figuras negras, que raramente têm lugar nos veículos de comunicação tradicional.

2 RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA IMPRENSA ALTERNATIVA NEGRA (IAN)

Consideramos como relevante e imprescindível escrever e reescrever as páginas da historiografia dos negros em nosso país, de maneira a entregarmos auxílios para a ampliação de vários estudos e pesquisas sobre a participação ativa da população negra nas relações sociais no âmbito do Brasil.

Segundo Borges (2003, p. 246), a imprensa tem um “discurso de um lugar social, ele veicula as vozes do imaginário, ocupa um papel estratégico no processo de seleção dos acontecimentos, produz e absorve sentidos”. Assim, os variados jornais impressos negros escolhiam precisos aspectos de discriminação racial que a população negra brasileira passava, e os descreviam com um sentido de modificá-los, superá-los e mostrar para todos o que de fato acontecia.

Como muitos estudos, não há uma conformidade em relação as pesquisas levantadas acerca do início da imprensa no Brasil. Santos (2005) nos relata que jornais cariocas como: O Homem de Cor, O Mulato e outros, são aceitos de maneira a serem os primórdios da imprensa negra brasileira, circulando entre 1833 a 1867. A seguir, colocamos algumas imagens dos referidos jornais.

Havia, também outros jornais, como: Nesse Treze de Maio (1888), A Pátria (1889), O Exemplo (1892), A Redenção (1899), O Baluarte (1903) e O Propugnador (1907) (NUNES, 2011).

Moura (1988) nos coloca o Jornal O Menelick de 1915 como difusor inicial dos debates em prol dos cidadãos negros de nosso País. O jornal citado tinha uma marca pela qual ganhava destaque, pois passava formas de se combater preconceitos, além de ter conteúdos críticos. Abaixo, na figura 3, trazemos uma imagem de capa em 1916 do jornal:

O jornal Menelick foi criado

pelo poeta negro Deocleciano Nascimento. Entre os principais objetivos da publicação estavam a valorização da raça e a divulgação o patrimônio cultural dos negros, além da possibilidade de externar reivindicações, protestos e discussões sobre a inserção do negro na sociedade. (OMENELICK2ATO, 2019, s/p).

Santos (2005, p. 5), numa forma de nos esclarecer mais sobre as temáticas dos jornais e até mesmo sobre a criação da Imprensa Negra, descreve:

Os jornais do pós-abolição que reconhecemos como imprensa negra, tinham um escopo, interesse temático e circulação muito amplo, discutiam a questão do mulato enquanto um problema que atingia todos, entendiam que o estigma da cor preta ou parda era reflexo da ignorância da sociedade em que viviam.

Citando um lado mais enérgico, Moura (1988) nos fala que tais jornais vieram como uma resposta da marginalização socio racial que os negros estavam passando em todos os âmbitos de suas vivências na sociedade brasileira. Do exposto podemos facilmente perceber que esse modo alternativo de fazer imprensa se mostrou uma forma afirmativa de dizer ou mesmo expressar, juntamente com a circulação, modos de reivindicação, visando colocar o negro com todos os direitos e deveres como qualquer um cidadão brasileiro, sem nenhum tipo de restrição.

Segundo Camargo (1987, p.42),

foi Francisco de Paula Brito, em 1833, o precursor da Imprensa Negra, cujos primeiros títulos, pelo menos em São Paulo, só iriam aparecer no ano de 1911, com A Pérola, seguida pouco depois por O Menelick e A Princesa do Oeste.

No mesmo dado histórico, Camargo (1987, p.42) cita as credenciais de Francisco de Paula Brito para a história da Imprensa Negra, como o “iniciador do movimento editorial no País e um dos precursores do conto no Brasil”).

Diante disso:

A publicação de *O Homem de Cor* (Rio de Janeiro, 'Tipografia Fluminense & Cia, 1833), com o título alterado a partir do 3º. número para *O Mulato* ou *O Homem de Cor*, e que circulou de 14 de setembro a 4 de novembro de 1833, altera a data do início da Imprensa Negra, que teria seus primórdios nos fins do século passado. Foi – refere Eunice Ribeiro Gondim, biógrafa de Paula Brito – ‘o primeiro jornal brasileiro dedicado à luta contra os preconceitos de raça’ (CAMARGO, 1987, p.41).

Tais jornais tiveram a presença de alguns escritores negros, militantes e intelectuais como: Antonio Pereira Rebouças, Manoel Querino, José Correia Leite, Abdias Nascimento e Gustavo Lacerda. Vale a ressalva que Gustavo foi o ilustre fundador da centenária ABI - Associação Brasileira de Imprensa. Apesar do relevante preconceito para com os jornalistas negros, a imprensa em nosso país devia dar mais atenção a cidadãos tão importantes como: José do Patrocínio, Luiz Gama e Machado de Assis.

Com uma linguagem diferente, agora as práticas jornalísticas dos negros se moldam de uma forma mais voltada para os valores da República, ou seja, direitos iguais, afastando um pouco aquela causa de apenas mostrar para a imprensa estigmas de caráter racial. Assim, se faz necessário falar que todos os jornais negros mostravam com certa relevância como a maneira de exclusão se fazia presente para os descendentes da África, se caso fossemos compara com os direitos que brasileiros de origem tinham (SANTOS, 2005).

Seguindo essa ação jornalística, buscando também direitos iguais para os afro-brasileiros, é afirmativo dizer que a imprensa negra, juntamente com seus jornais, focara nesse aspecto de igualdade para que assim tivessem uma fala única e que, além disso ela se tornasse conhecida pela sociedade. Todavia, essa busca por mostrar que devia haver igualdade, não conseguiu ter tanta ampliação pelos estados brasileiros, porém não podemos descartá-la como se não tivesse tido valor algum, pois todas essas publicações mostraram que apesar das adversidades, foi uma forma de manter a luta pelos mesmos direitos ativos para depois os concretizar (PINTO, 2006).

Nesse aspecto, imprensa negra e seu conceito está relacionado ao que Sartre (1968, p.101) nos fala sobre “curtos-circuitos da linguagem, porque não é, pois, só o propósito de negro no sentido de se pintar a si mesmo, mas sua maneira peculiar de utilizar os meios de expressão de que dispõe”.

A imprensa negra, no sul do país, teve o jornal *O Exemplo*. Sua circulação se deu entre os anos de 1892 a 1930 com interrupções no período de 1892 e 1930. Silveira (2005, p.115) nos relata que ele foi a “*iniciativa e organização de negros*”.

Nesse veículo jornalístico, Moraes (2002) faz a observação para o aparecimento de autores de etnia branca, publicando poesias no período 1916-1930. Diante deste fato, é possível ter dúvidas quanto aos quesitos de identidade, tendo em vista que, o que foi ali colocado por tais autores brancos, não seriam fruto de experiências num cenário pelo qual eles conviveram, ou seja, o branco.

Em *O Exemplo*, podemos perceber que a sintonia do jornal era com um tom reivindicatório, pois ali eram colocados o fim do racismo, bem como a participação social dos negros na sociedade gaúcha e direitos iguais, porque até então, somente os brancos detinham direitos e deveres garantidos.

Conforme Medina (1988, p.51), uma “imprensa politicamente militante é, então, mero reflexo de uma situação efervescente. O interesse principal dos jornais é, antes de informar, formar opiniões”. Nesse sentido, a incessante produção da imprensa negra no período de 1833-2010 ganha e relevância para os estudos da imprensa brasileira e do Jornalismo, em particular.

No século XX, a IAN ficou marcada pelo caráter reivindicativo, reivindicando a inserção do negro em meio a sociedade brasileira, situação que não acontecia como deveria. Com a instauração do Estado Novo e o trancamento dos jornais da época, muitos jornais da IAN sentiram a sua repressão. O Estado Novo foi o período da história brasileira, entre 1937 e 1945, no qual o país foi governado por Getúlio Vargas sob regime ditatorial. Durante oito anos, as instituições políticas, culturais, policiais, jurídicas e econômicas foram controladas de modo autoritário pelo Estado.

Para Fonseca (1989), existem muitas facetas presentes no Estado Novo, tais como autoritarismo, fascismo, populismo, paternalismo e desenvolvimentismo, pois para Getúlio Vargas o aparelho governamental não estava compatível com a vida nacional e dificultava seus movimentos, haja vista que os comunistas e os oligarcas locais estariam prejudicando a força do Estado. Assim, é perceptível que, para ele, a eficiência estatal era propiciada por meio do intervencionismo e planejamento econômico.

Outros jornais importantes da Imprensa Alternativa Negra foi *O Clarim d’Alvorada* e *A Voz da Raça*. Abaixo podemos acompanhar, em imagem, a capa desses jornais.

2.1 A FASE DA VEICULAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS BRANCOS PARA A POPULAÇÃO NEGRA

Importante acrescentar que cada período cronológico histórico, a IAN teve determinadas finalidades. Na primeira fase (final do século XIX à década de 1920 teve o objetivo de conclamar a população negra a adquirir bons hábitos e boas maneiras à luz de comportamentos dos brancos (NUNES, 2011).

Para muitos estudiosos da questão racial, essa atitude dos negros pode parecer embranquecedora, todavia, consideramos que é uma situação paradoxal de inclusão/exclusão, pois ao incorporar valores e costumes brancos, na maioria das vezes os negros terminava por anular suas identidades étnicas e culturais.

Essa seria uma situação comportamental de muitos negros em tomar para si os valores brancos daquele contexto histórico social. Santos (2005, p. 5) diz que no contexto situacional descrito, para muitos negros, incluem-se aí os intelectuais, seria “uma estratégia de luta ou a inserção de um cavalo de Tróia-negro no interior da fortaleza grega-branca”.

2.2 A FASE DA VEICULAÇÃO NA DEFESA DA ESCOLARIZAÇÃO PARA A POPULAÇÃO NEGRA

No segundo momento, a partir da década de 1920 até a década de 1940 a IAN fica mais amadurecida, adota como objetivo pilar: a alfabetização e a instrução dos negros. Destacaram-se os jornais paulistas Clarim da Alvorada e A Voz da Raça, este último pertencente à Frente Negra Brasileira (FNB).

Uma característica marcante das duas primeiras fases da IAN é o não posicionamento nos assuntos políticos da vida social brasileira, haja vista que procurava não tomar posicionamentos políticos partidários e ideológicos. Moura (1988) chama essa atitude de uma imprensa setorizada, pois a preocupação desses jornais era apenas ressaltar a raça negra de forma isolada para fazer a sua integração na sociedade.

2.3 A FASE DA VEICULAÇÃO DOS POSICIONAMENTOS POLÍTICOS E IDEOLÓGICOS FRENTE À POPULAÇÃO NEGRA

Na terceira fase do desenvolvimento da Imprensa negra no Brasil - (1945 a década de 1960) – há uma mudança de atitude acerca dos não posicionamentos políticos partidários e ideológicos sobre a realidade social brasileira. Dessa fase em diante, os jornais em face do período de redemocratização do país em 1945 começam a divulgar em

suas páginas os novos rumos políticos que o país atravessava. Em suas reportagens não deixavam de situar o negro nesse novo momento político social. Destacam-se nesse período os jornais Alvorada (São Paulo) fundado em 1945 e Quilombo (Rio de Janeiro) fundado também em 1945 (NUNES, 2011).

Acrescentamos que em 1945 é criada a Associação dos Negros Brasileiros (ANB) em São Paulo que refletia o contexto político-social brasileiro. O Jornal Alvorada divulgava matérias acerca das ações da ANB. O Jornal Quilombo que tinha Abdias do Nascimento sob a sua direção, inovou nesse tipo de imprensa em inserir a mulher nesse meio de comunicação, prática essa que os jornais paulistas ainda não tinham (NUNES, 2011).

De uma periodização em geral encontrada em nossas investigações, constatamos que o período final da Imprensa Negra foi no início da década de 1960. Moura (1988) delimitou o fim da IAN em 1963 apontando o Jornal Correio D'Ébano na cidade de São Paulo, e Domingues (2007) atesta o Jornal Alvorada da cidade de Pelotas (RS). Este teve maior longevidade no país, pois, durou de 1907 a 1965.

No início da Ditadura Militar, esses jornais desaparecem ou deixaram de existir, pois com a instauração do cerceamento de liberdade de pensamento e de uma imprensa crítica, tornou-se insustentável o seu desenvolvimento. Todavia, Domingues (2007) descreve que no início da década de 70 surgem alguns jornais de caráter mais tímido na veiculação da luta antirracista dos negros. “[...] a imprensa negra, por sua vez, timidamente deu sinais de vida, com os jornais Árvores das Palavras (1974), O Quadro (1974), em São Paulo; Biluga (1974), em São Caetano/SP e Nagô (1975) em São Carlos/SP” (DOMINGUES, 2007, p.112).

A Imprensa Alternativa negra teve em todas as suas fases de desenvolvimento problemas financeiros para sua sobrevivência. Situação essa que ocasionou uma vida curta para todos os jornais do gênero.

3 O LEGADO DA IMPRENSA ALTERNATIVA NEGRA NA ATUALIDADE

Depois de termos acompanhado todo o processo pelo qual se deu a IAN, nos vem em mente se toda essa atividade deixou algum legado ou mesmo uma vertente, uma herança que faça ter a representatividade negra de maneira ativa, tendo em vista que estamos em uma nova era, pela qual não se limita aos jornais impressos, rádios e até mesmo a televisão, nos encontramos na era da internet, onde possibilita alcances, praticamente, ilimitados.

Nessa perspectiva de atualidade, e sendo mais específico em veículos ligados à população negra, não temos muitas que sejam voltadas para tal representação, porém, as que se apresentam hoje, nos mostram que apesar de ser considerada uma minoria social, vemos ali uma resistência das revistas, pois procuram dar um olhar diferenciado, mostrando uma nova maneira de falar sobre a população negra e tudo que a cerca em meio à sociedade.

Quando falamos de legado, o que nos vem em mente? Normalmente pensamos em algo que tenha sido deixado de exemplo, com imenso valor e que serve, na maioria das vezes, como inspiração, referência para quem, posteriormente, vai ver o que foi feito. Esse significado pode ser tanto negativo quanto positivo, dependerá do ponto de vista de quem avalia, todavia, podemos analisar e refletir sobre o que esses acontecimentos passados puderam alterar o presente e, projetar para o futuro.

É notória que a Imprensa Negra e seu início não se dá pelos acontecimentos recentes que se referem ao negro, toda essa forma de comunicação se fez no passado e trouxe/traz frutos para o presente momento. Pinto (2006) nos fala sobre a relevância da imprensa negra no cotidiano da população afrodescendente, pela qual ainda faz a ressalva que os meios de comunicação, na atualidade são um grande propulsor para que mais pessoas saibam que há uma fala negra em meio a tantas formas de silenciá-la, construindo assim uma sociedade em caminho da estrutura social e porque não política.

A imprensa negra a partir da década de 1990 até o presente momento conseguiu se expandir para formas além do impresso, meio que se mantinha forte desde os primeiros meios de comunicação voltados para o público negro.

Uma das revistas de grande força e de maior notoriedade voltada para o público negro é a Revista Raça. Criada em 1996, ela se tornou a primeira e mais conceituada forma de comunicação, no que se refere a plateia negra.

A Revista Raça é uma revista mensal, publicada pela Editora Pestana Arte & Publicações. Teve sua fundação no ano de 1996 pela editora Símbolo, tendo como primeiro editor-chefe Aroldo Macedo, posteriormente, teve suas publicações pela editora Escala, em 2007, com Maurício Pestana como diretor executivo. Dez anos depois, em 2017, a revista teve uma rápida passagem pela editora Minuano. Em 2018, ex-Secretário de Promoção de Igualdade Racial da Cidade de São Paulo, jornalista, publicitário e cartunista, Maurício Pestana, assumiu novamente a revista, desta vez como CEO - sigla em inglês para *Chief Executive Officer*, que sua tradução para o português significa Diretor Executivo (REVISTA RAÇA, 2020).

Em sua primeira edição, a Raça vendeu mais de 270 mil exemplares, recorde que se mantém imbatível. Atualmente, se tornou o canal com mais eficiência, no que se refere a falar de uma forma direta com cerca de 54% dos cidadãos brasileiros e de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), é formada por afrodescendentes (REVISTA RAÇA, 2020).

A revista, mesmo com 24 anos de existência, ainda perpetua um destaque como a maior revista do segmento negro em toda a América Latina. Todos os registros ali feitos, como exemplo mais claro, inclusões de gênero e racial são favorecidos, pois muitos acontecimentos recentes e passados, logo, estimula e amplia o cenário deste meio de comunicação como um serviço de grande utilidade para a sociedade.

Apesar das constantes crises nos setores de mercado, dando prioridade aqui ao de editoria, a Revista Raça se mantém firme em 2020 e fazendo assim uma aliança entre os meios de forma impressa e digital da revista. Neste sentido, consideramos que a revista impulsiona a autoestima da população negra a ter orgulho e ter uma pessoa emblemática de uma profissional negra

Em 2015, no contexto da era da informática, foi criada a Revista Alma Preta, que é veiculada por meio de uma página na Internet. Segundo o site da Revista:

Criado em 2015 por um grupo de jovens comunicadores da UNESP, o Alma Preta é uma agência de jornalismo especializado na temática racial do Brasil. Em nosso conteúdo você encontra reportagens, coberturas, colunas, análises, produções audiovisuais, ilustrações e divulgação de eventos da comunidade afro-brasileira. Nosso objetivo é construir um novo formato de gestão de processos, pessoas e recursos através do jornalismo qualificado e independente (ALMA PRETA, 2020, p.1).

A referida revista aborda sobre racismo na política, economia, cultura, periferia, esporte. Assim esses assuntos estão concentrados em quatro linhas editoriais, a saber: Realidade, Da Ponte Pra Cá, Mama África e Quilombo.

Outro portal de revista para o público negro é o Mundo Negro, que está no ar desde o ano de 2001. Ela é produzida por jornalistas, considerada uma revista com notória credibilidade. Assim, possui as seguintes seções jornalísticas: mulher negra hoje, cultura, família, moda e beleza, celebridades, cinema negro, negrx e LGTB, artigos, política, educação, racismo e literatura negra (MUNDO NEGRO, 2020).

Do exposto, como vimos, apesar da antiga Imprensa Alternativa Negra ter finalizada na década de 1960, como alguns pesquisadores descrevem, o seu espírito continuou materializado por meio das revistas voltadas para o público negro nos anos

posteriores. A luta pela igualdade e pela visibilidade do povo negro se dá em outros contextos como a educação em museu – espaço informal de educação -, que se coloca como lugar vivencial, de visitação, onde a história e a cultura africana e afrodescendente podem ser revividas e recontadas. Barbosa (2009 apud MARQUES et al., 2020) aponta que o museu, em comparação com a escola, é uma alternativa para a construção de aprendizagens e, no tocante à aprendizagem, no museu a aprendizagem é mais eficaz porque o aluno o considera lúdico. “Nesse contexto o Museu do Negro se adequa as características da educação informal porque transmite saberes culturais. A sua prática, auxilia homens e mulheres no exercício de autocompreensão como seres resultantes de experiências socioculturais” (MARQUES et al., 2020, p. 64473).

Trouxemos o exemplo do museu (neste caso o Museu do Negro) por apontar para uma luta antirracista alternativa, pois naquele espaço, a história e a cultura são recontadas por um olhar decolonial. Não mais a visão da escravidão, mas a visão da escravização. E os veículos aqui discutidos apontam para esse novo olhar.

4 CONCLUSÃO

Ao longo do nosso artigo descrevemos o desenvolvimento da a Imprensa Alternativa Negra, a qual deixou um grande legado para a atualidade, haja vista que o espírito de combate ao racismo e da discriminação racial da população negra, continua vivo e atuante, pois possibilitou a criações de outras revistas, tanto impressas, como por meio digital de veiculações de informações e comunicações para o público negro.

A nossa insistência em falar sobre a Imprensa Alternativa Negra se deu por conta de verificar que ainda atualmente persistem situações de racismo e discriminação racial para a população afro-brasileira.

Outro aspecto que descrevemos como relevante para nossa pesquisa é a denúncia da não inserção do negro na sociedade em pé de igualdade com os demais cidadãos brasileiros. Dessa forma, quando descrevemos o momento atual das revistas negras, nos situamos neste contexto.

Consideramos que a nossa pesquisa representa mais uma força para manter a voz do negro ativa, mostrando que tudo aquilo que foi enraizado a nosso respeito, nos quesitos racismo e discriminação racial podem ser desconstruídos. A nossa preferência é que esses pensamentos negativos saiam o mais rápido possível, porém, se for aos poucos, também já será um avanço, pois estamos aqui trabalhando e dando a oportunidade de as pessoas

pensarem de outra forma e, diante disso, ter novas percepções sobre o negro se suas áreas de trabalho, aqui, em específico, a Imprensa Negra.

REFERÊNCIAS

BORGES, Rosane da S. O já-dito e o não-dito: o papel da imprensa no debate sobre as cotas. In: SILVA, Cidinha da. **Ações afirmativas em educação: experiências brasileiras**. São Paulo: Summus, 2003, p. 233-255.

CAMARGO, Oswaldo. **O negro escrito**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Niterói, Revista Tempo, v.12, n.23, p.100-122, 2007. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/v12n23a07.pdf>. Acesso em: 18 out 2019.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **Vargas: o capitalismo em construção**. Editora Brasiliense. São Paulo, Brasil. 1989.

MARQUES, Walter Rodrigues; ROCHA, Viviane Moura da; DINIZ, Maria de Jesus dos Santos; MONTEIRO, Thainara Coelho. Arte-educação informal no Cafua das Mercês. Brazilian Journal of Development, Curitiba, ano 2020, v. 6, n. 9, ed. 9, p. 64470-64480, 2 set. 2020. DOI 10.34117/bjdv6n9-037. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/16052>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto à venda - jornalismo na sociedade urbana industrial**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1988.

MORAES, Paulo Ricardo de. Imprensa negra gaúcha - a voz que não se cala. In: **O povo negro no Sul**. Associação Riograndense de Imprensa, Porto Alegre, 2002.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo, Ática, 1988.

NUNES. Antonio de Assis Cruz Nunes. **O SISTEMA DE COTAS PARA NEGROS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**: uma política de ação afirmativa para a população afro-maranhense. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Marília (SP), 2011.

NUNES, Antonio de Assis Cruz; SILVA, Delma Josefa da; GOMES, Ana Beatriz Sousa; AMARAL, Liz Marina de Jesus Raposo; SANTOS, Clênia de Jesus Pereira dos; SOUSA, Ilana Silva; PEREIRA, Katiúcia Ermiza Moreira da Silva; MARQUES, Walter Rodrigues. O mito da democracia racial no contexto do sistema de cotas para estudantes negros: tudo continua como dantes no quartel de abranes. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 4, pág. 33842-33858, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/27523>. Acesso em: 18 mar. 2022.

OMENELICK2ATO. **O MENELICK**. Disponível em: <<http://www.omenelick2ato.com/imprensa-negra-paulista>>. Acesso em 30 out 2019.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura à tinta preta - a imprensa negra no século XIX (1833-1899)**. 197 f. Brasília: UNB, 2006. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, 2006.

REVISTA ALMA PRETA. **Quem Somos**. 2020. Disponível em: <<https://almapreta.com/quem-somos>>. Acesso em: 11 out 2020.

REVISTA MUNDO NEGRO. **Quem Somos**. 2020. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/quem-somos/>>. Acesso em: 11 out 2020.

REVISTA RAÇA. **Quem Somos: Mais de duas décadas de representatividade**. 2020. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/sobre/>>. Acesso em: 11 out 2020.

SANTOS, José Antônio dos. **Imprensa Negra: a voz e vez da raça na história dos trabalhadores brasileiros**. Disponível em: <<https://docs.uft.edu.br/share/proxy/alfresco-noauth/api/internal/shared/node/DPd9RyZSQNWggU1UlmIZVw/content/josesantos.pdf%20%20A%20Voz%20da%20Ra%C3%A7a.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo**. 5.ed. São Paulo: Difusora Europeia do Livro/Ed. da Universidade de São Paulo, 1968.

SILVEIRA, Oliveira Ferreira da. **Palavra de negro**. In: SANTOS, Irene. Negro em preto e branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre. Porto Alegre: Do Autor, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.